



# SUMÁRIO

- 9** CAPÍTULO 1 - A rosa que suja de sangue o céu
- 15** CAPÍTULO 2 - Trégua com o futuro
- 21** CAPÍTULO 3 - A falta das palavras
- 25** CAPÍTULO 4 - Caminhos em vez de perigos
- 31** CAPÍTULO 5 - A vida é um monitor cardíaco
- 37** CAPÍTULO 6 - Uma fronteira invisível
- 45** CAPÍTULO 7 - A primeira mentira do ano
- 51** CAPÍTULO 8 - Os olhos são as janelas da alma
- 58** CAPÍTULO 9 - O drama do amor perfeito
- 63** CAPÍTULO 10 - Essa tal Droga da Obediência
- 70** CAPÍTULO 11 - Campo de experimentos
- 75** CAPÍTULO 12 - A doutrina da saudade
- 86** CAPÍTULO 13 - Piada de mau gosto
- 92** CAPÍTULO 14 - Céu de um verão proibido
- 97** CAPÍTULO 15 - O gosto da alma!

- 
- 101** CAPÍTULO 16 - Metáforas descritas pelos vendavais
- 111** CAPÍTULO 17 - Câmara de tortura
- 119** CAPÍTULO 18 - Tripalium
- 127** CAPÍTULO 19 - Linhas de uma melodia vã
- 134** CAPÍTULO 20 - Ayrton Senna não morreu!
- 140** CAPÍTULO 21 - Orgulho: pai de todos os pecados
- 148** CAPÍTULO 22 - Sutil mudança
- 159** CAPÍTULO 23 - Um caminhar um tanto desorientado
- 171** CAPÍTULO 24 - O correto é pagar à vista!
- 180** CAPÍTULO 25 - Situação real de terror
- 187** CAPÍTULO 26 - Que voz é essa?
- 193** CAPÍTULO 27 - Olhos rasos, boca aberta
- 197** CAPÍTULO 28 - Quantidade exorbitante de poeira
- 205** CAPÍTULO 29 - Olhos e ouvidos que varam as multidões
- 217** CAPÍTULO 30 - Gotas de orvalho na flor

# CAP 01



## A ROSA QUE SUJA DE SANGUE O CÉU

“As estrelas que vemos no céu são pontos de luz emanada pelos sóis e pelas galáxias distantes. Algumas estrelas nem existem mais. Elas emanavam luzes quando a Terra ainda era habitada pelos dinossauros! Não é à toa que o céu guarda tantos mistérios...”

Assim eram os nossos papos todas as noites. Essas são conversas de quem não tem preocupações na vida. Meus dedos apontavam as estrelas e elas, iluminadas, uma vez interligadas, formavam desenhos engraçados.

– Cuidado! – dizia minha avó. – Vai ficar com uma verruga no dedo.

Quem se preocupa com isso? Até que um dia, a verruga nasceu. Foi incrível! Eu mostrava a verruga para os meus amigos e eles fingiam que estavam enjoados, faziam cara de vômito. Era engraçado!

Meu nome começa com A... A de amor, de astronauta, de Ayrton Senna do Brasil. Que raiva me dá quando percebo que as crianças de hoje ignoram o nome desse grande gênio das corridas. Não me esqueço

do dia em que vi meu pai chorar pela primeira vez. Foi logo após uma das maiores vitórias de Ayrton, no GP do Brasil, em março de 1993. Deve ter sido difícil para o velocista suportar tanta pressão da torcida brasileira. Naquela época, o povo descontava nos ombros de seus esportistas as frustrações de suas vidas complicadas: alta da inflação, políticos desonestos, presidente deposto...

Tenho muitas lembranças dessa época da minha vida.

Lembro-me de contar estrelas ao lado do Marcelo. Deitados sobre o imenso gramado, em frente ao chalé, na última noite do *camping* que fizemos com a nossa turma antes das férias.

Seus cabelos louros misturados com os meus, seu sorriso maroto e o cheiro quente do seu corpo me traziam uma sensação rara de segurança.

Também me lembro de um sonho que tive quando passava férias com minha família em nossa casa de praia. Marcelo chorava e eu não entendia logo de cara o motivo. Era coisa muito rara ver um menino chorar, a não ser quando algum deles torcia o pé no futebol. Quando isso acontecia, ficava aquele monte de gente em volta do pobre coitado.

Marcelo era um daqueles garotos que parecia poder fazer o que quisesse, pois era um menino que não existia. De tanto “não existir”, posso assegurar que ele não era imaginário. Ele era apenas um garoto maravilhoso, desses que só vemos nos comerciais de margarina.

Eu só tinha visto o Marcelo chorar uma vez. Foi um dia muito, muito louco! Ele chorava bonitinho, com a

boquinha meio torta. E lá estavam todos aqueles patifes em volta dele. O inspetor o segurava pelo braço, mas ele nada podia fazer. Ouvi um menino mais velho dizer:

– Que isso, cara, mulher foi feita pra gente beijar mesmo!

Marcelo, pelo visto, tinha recebido um beijo forçado de uma garota... As pessoas comentavam o acontecido e riam. Um beijo na boca! Ninguém havia preparado o menino para esse tipo de violência.

Marcelo era louro, e seus olhos, dependendo da hora do dia, mudavam de cor. De verde, passavam para uma cor mais escura. Uma menina maluca com certeza se aproveitara do pobre garoto. Seus irmãos mais velhos ficariam decepcionados:

– Como é que você chora após ganhar um beijo de uma mulher, cara?

No meu sonho, Marcelo, aos prantos, dizia com sua boquinha torta:

– Não posso mais estudar nessa escola. Eu estou perdido!

Nada daquilo parecia fazer sentido, afinal, se não vai mais estudar na minha escola, partirá para outro lugar, conhecerá outras pessoas, terá uma vida diferente. No entanto, o garoto louro não estava feliz:

– Não quero ficar longe de você!

Como é que é? Senti um arrepião na espinha. O céu em volta dos cabelos louros do Marcelo tornou-se gasto, seus olhos se perderam e confundiram-se com o mar, seu rosto murchou como flor longe do vasinho de terra; e eu

acordei aos prantos, sofrendo a dor de uma facada no peito, algo tão poderoso quanto um choque elétrico.

Na janela, os raios de sol da manhã pediam passagem. Os passarinhos cantavam. Um cheiro de mato ocupava espaço no ambiente e eu, enfronhada no calor das cobertas, só conseguia pensar em uma coisa: no Marcelo. Onde eu estava com a cabeça que até aquele momento não havia pensado que poderia perder contato com esse menino para todo o sempre?

Naquela época, meninos e meninas não trocavam telefone e quase não tinham contato uns com os outros, a não ser em sala de aula. Na hora do recreio, o pátio da escola parecia um retrato da Guerra Fria, com áreas muito bem definidas para os meninos e para as meninas. Nós ficávamos à direita, próximas ao anfiteatro e aos brinquedos infantis. À esquerda, onde se localizavam as mesas de pingue-pongue e o bambuzal, ficavam os meninos. Passar de um lado para o outro era absolutamente proibido, a não ser que alguém quisesse sofrer uma gozação terrível de ambos os lados. Algumas áreas eram unissex: a quadra de esportes, as salas de aulas, os corredores internos e a cantina. As meninas falavam sobre novela, bichos de estimação e comportamento. Os meninos quase sempre discutiam futebol. Entre os dois grupos, o fantasma do recém-destruído Muro de Berlim.

Mesmo que quiséssemos nos misturar com os meninos, Esterzinha, inspetora do nosso andar, não permitiria... Ela implicava até mesmo com as meninas que chegavam abraçadas ao refeitório:

– Desgrudem que vocês não são bichos!

Os meninos, coitados, abraçavam-se após marcar um gol e lá estava a chata da Esterzinha no meio do campo, separando-os.

Meu sonho de verão me libertou da ignorância. Eu percebia agora que um ano inteiro havia se passado sem que eu tivesse me dado conta da importância de certas pessoas. Senti uma dor esquisita na barriga, acompanhada de uma agonia estranha. Hoje sei que o nome disso é ansiedade, mas, naquela época, qualquer sentimento novo me deixava absolutamente apavorada. Além de sentir dor na barriga, orquestrava-se debaixo de minha coberta um cheiro nada agradável. Levantei os lençóis e me vi suja de uma substância vermelho-escura, algo traumatizante. Pus minhas mãos ali e, com o susto, levei-as ao rosto. Levantei-me assustada. Gritei por socorro e, ao olhar de relance a minha face no espelho do armário, uma surpresa: eu parecia uma selvagem, com os cabelos arrepiados, o rosto manchado de sangue. De repente, tudo ficou preto!

Eu acabara de ter a minha primeira menstruação seguida do meu primeiro desmaio.

*A rosa que suja de sangue o céu,  
com reflexos de luz na flor  
permite o tempo a girar.  
Faz as ondas correrem  
no Mediterrâneo a se abrir.*